

RESENHA

BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (orgs.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

*Larissa Minuesa Pontes Marega**

Recentemente lançado pela Editora Contexto, o livro *Texto ou discurso?*, organizado pelas pesquisadoras Beth Brait e Maria Cecília Souza-e-Silva, apresenta catorze capítulos atribuídos a uma vasta e heterogênea autoria, os quais, à luz de uma ou mais perspectivas teóricas, abordam a questão proposta no título.

A obra me parece instigante por, no mínimo, dois motivos. O primeiro justifica-se pela presença de duas palavras vitais nos estudos da linguagem: *texto* e *discurso*. Impressas na capa do livro, elas saltam aos olhos e provocam no leitor – assíduo da área de Letras – identificação imediata. O segundo motivo diz respeito aos sentidos evocados pelas mesmas palavras e, especialmente, pela escolha da conjunção alternativa *ou*, que me leva ao seguinte questionamento: ela separa, une ou funde as palavras do título? A pergunta estampada na capa do livro já se caracteriza como um convite à leitura. Nessa expectativa, abrem-se as portas para uma discussão complexa, mas absolutamente necessária para as pesquisas das Ciências Humanas, promovida por ilustres linguistas brasileiros e estrangeiros, cujos trabalhos descrevo adiante.

Beth Brait assina o primeiro capítulo, *Perspectiva Dialógica*, e define como um “quebra-cabeça” a concepção de texto no pensamento bakhtiniano. Para juntar as “peças”, a autora rememora algumas reflexões de texto e discurso no conjunto

* Doutoranda pela Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, Brasil; larissamarega@usp.br

da obra do Círculo, em diferentes épocas. O passeio pelas obras justifica-se pelo fato de que, na teoria de Mikhail Bakhtin, nenhum conceito significa isoladamente, eles definem-se, fundamentalmente, na articulação com outros conceitos. A autora pontua, em primeira instância, que a concepção de texto deve afastar-se daquela que o apontaria como autônomo. Conforme Bakhtin, o texto aproxima-se de uma noção semiótico-ideológica, a saber: um conjunto coerente de signos, um todo de sentidos. Na teoria em questão, o termo discurso é substituído por relações dialógicas, estas, necessariamente, extralinguísticas. A análise da canção interpretada por Zeca Baleiro, “Bola dividida”, encerra o capítulo, evidenciando os vários discursos em confronto observados neste exemplo.

Na sequência, o capítulo Peregrinações de um testemunho, assinado por Danielle Zaslavsky, na tradução de Rosa Maria Severino, aborda questões linguísticas e tradutológicas. Trata-se da exposição de um caso polêmico ocorrido no México que envolveu uma senhora supostamente estuprada por militares do Exército. A análise caminha para a leitura de manchetes que contemplam discursos relatados. O tópico discutido ao longo do capítulo é a relação do discurso proferido pela senhora na língua *náuatle*, traduzido, posteriormente, por um nativo, para o espanhol. Ao final da leitura, compreende-se que, no exemplo analisado, a imprensa cumpriu o papel de reiterar os discursos e criar uma memória discursiva midiática ao expor as várias vozes daqueles envolvidos no caso.

O capítulo de Décio Rocha, Perspectiva foucaultiana, sugere um olhar completamente oposto à análise de conteúdo. Ao longo da discussão, o autor rejeita a noção de texto como unidade linguística evidente e procura distanciá-la da noção de discurso. O ponto-chave nesse capítulo é a noção de enunciado que, segundo a teoria foucaultiana, garante a passagem do plano textual para o discursivo. As noções de formação discursiva e sujeito também perpassam as análises propostas pelo autor. Ao final do texto, o autor apresenta uma análise enunciativa de uma campanha publicitária do condomínio *Parc des Princes*, no Rio de Janeiro.

Cor e sentido, capítulo de Diana Luz Pessoa de Barros, apresenta uma análise inusitada a respeito das cores dos esmaltes no interior da perspectiva Semiótica Discursiva francesa. Ao considerar as relações intertextuais e interdiscursivas, a autora recorre a estudiosos como Jean-Marie Floch e Felix Thürlemann e a pintores como Kandinsky e Klee. As análises evidenciam as relações simbólicas e sinestésicas de aproximações e comparações entre os traços cromáticos figurativos dos nomes das cores, os traços sensoriais (paladar, olfato,

tato, audição) e os temas que esbarram na imagem – construída ou reforçada – da mulher.

Texto, gênero de discurso e aforização é o capítulo de Dominique Maingueneau, com tradução de Ana Raquel Motta. O foco do estudo está nas “frases sem texto” ou nos enunciados destacados que formam a enunciação aforizante, centrada, com efeito, no locutor. Ao interpretar as aforizações, o autor divide sua análise em dois grandes grupos: o regime de atualidade e o regime memorial. No primeiro, encontram-se aforizações de ordem informacional (o aforizador é um especialista habilitado a analisar o mundo), testemunhal (o aforizador é um sujeito envolvido emocionalmente com o acontecimento) e acional (o aforizador tem o poder de modificar uma situação). No segundo, encontram-se aforizações de ordem histórica (inscritas em uma memória coletiva e de longa duração) e sapiencial (apreendidas como ponto de vista de um sujeito privilegiado).

Ingedore Villaça Koch assina o capítulo Flagrantes da construção interacional dos sentidos e reafirma sua consolidada definição de texto como um lugar de interação entre sujeitos sociais que nele se constituem e são constituídos. A proposta é observar como se efetiva a construção interacional dos sentidos, a partir das noções de referenciação, progressão textual e intertextualidade. Os exemplos que a autora traz para análise retomam trabalhos de sua autoria e de outros pesquisadores, publicados anteriormente, bem como textos contemporâneos, que circulam na internet.

Da necessidade da distinção entre texto e discurso, capítulo assinado por José Luiz Fiorin, transita por exemplos literários e cinematográficos a fim de verificar se a diferenciação dos termos *texto* e *discurso* é realmente necessária. Segundo o autor, o mesmo discurso pode ter várias realizações textuais, e o texto, por sua vez, apresenta-se como manifestação do discurso. Para exemplificar suas reflexões, Fiorin descreve cenas de cinema que se ocupam de procedimentos, como: duração, expansão, condensação, apagamento, figuras de expressão. O autor finaliza sua abordagem dizendo compreender que a distinção dos conceitos é necessária, já que os movimentos de discursivização e textualização são diferentes.

O capítulo seguinte, intitulado Por uma análise do discurso multidimensional, de Josiane Boutet, na tradução de Maria Inês Otranto, propõe a articulação de diferentes campos de especialização. As análises ali desenvolvidas compreendem descrições plurimetodológicas e multidimensionais a partir de exemplos retirados de pesquisas em torno do ambiente de trabalho de teleatendentes, em

sua maioria. Filiada à Sociolinguística, a autora toma o discurso como objeto empírico e convida para suas análises a contribuição de teóricos, como: Gumperz, Vygotski, Harris, Volochinov, Bakhtin.

O capítulo seguinte, de Maria Cecília Souza-e-Silva, *Texto/Discurso: qual a relação com a leitura?*, trata da complexidade das relações entre texto e discurso quando se observa a construção dos sentidos. Os aportes teóricos que subsidiam a abordagem estão na obra *Gênese dos discursos*, de Dominique Maingueneau. A análise apresenta o debate público a respeito da participação das Forças Armadas do Brasil na missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti, veiculado na mídia e na revista *PUCviva*. A autora discorre sobre a noção de tema e vocabulário e aborda também a questão da polêmica, revelando posicionamentos que dialogam entre si.

Maria Helena de Moura Neves apresenta um visão que contempla a linguagem em uso como a chave para o funcionamento de uma língua historicamente situada. Seu capítulo, intitulado *Fluidez categorial e organização textual*, é conduzido pela teoria funcionalista e ilustra a categorização do processo de deslizamento da classe dos adjetivos para os advérbios (“rouco” e “desafinado” são os exemplos trabalhados).

O capítulo *Interação, texto falado e discurso*, de Marli Quadros Leite, objetiva refletir sobre os aspectos que desestabilizam a interação. A autora analisa conversações ordinárias, por ela observadas, e materiais disponíveis também na internet. Inicia sua reflexão com uma crônica de Clarice Lispector, “Um homem feliz”, para ilustrar um caso de instabilidade na interação. A base teórica do capítulo está na teoria da enunciação e nos postulados de Bakhtin, quais sejam: *responsividade, normatividade e gêneros do discurso*. A autora encerra a abordagem afirmando que o discurso é um objeto normativo que se inscreve no inesperado, segundo ela, o discurso é uma “aventura”.

Notas sobre língua, texto e discurso, de Sírio Possenti, é um ensaio contundente que resgata conceitos-chave da Análise do Discurso. Ao revisitar *língua, léxico e texto*, o autor propõe uma verdadeira aula, resgatando a fundação da disciplina, passando pelas preocupações da Linguística Textual (coesão, coerência e referenciação) e promovendo, finalmente, uma aproximação do discurso aos gêneros, segundo a leitura bakhtiniana. Primeiramente, o autor define o texto como o lugar de materialização do discurso, para depois dispensá-lo, colocando-o em um lugar pré-teórico.

O capítulo seguinte, Discurso e produção de conhecimento, de Teun A. van Dijk, tradução de Orison Bandeira Júnior, está embasado nos estudos do discurso e da Ciência Cognitiva. O autor busca compreender a relação entre discurso e conhecimento, ou ainda, o papel do conhecimento na compreensão discursiva e na aprendizagem do texto. Segundo van Dijk, as pessoas aprendem mais com os textos quando elas o fazem de maneira interativa.

O último capítulo é atribuído ao pesquisador Tony Berber Sardinha, Fórmulas discursivas e linguística de *corpus*, que propõe uma articulação entre a Linguística de *Corpus*, a Linguística Computacional e a Estatística Lexical. O autor parte da proposta de Krieg-Planque para determinação de candidatos e seu objetivo é ilustrar como o analista do discurso pode se apropriar da noção de padronização léxico-gramatical para sistematizar os dados. Ao longo da reflexão, tabelas e gráficos ajudam a explicitar a análise.

Diante de tantas teorizações, ilustrações e contribuições à temática proposta, esse livro caracteriza-se, a meu ver, como um sinal emergente de que é preciso assentar os conceitos de texto e/ou discurso nas pesquisas acadêmicas atuais e de adotar posicionamentos metodológicos mais seguros. Em cada capítulo, conforme a teoria mobilizada, os linguistas ocuparam-se em realizar análises assertivas, plurais, bastante significativas. A leitura do todo me permitiu aprender e apreender as várias acepções de texto e discurso, nas diferentes áreas do saber.

Recebido em 29/10/2012

Aprovado em 11/11/2012